

MINISTÉRIO DA CULTURA  
**Fundação Biblioteca Nacional**  
*Departamento Nacional do Livro*

DIRCEU DE MARÍLIA  
*Joaquim Norberto de Souza e Silva*

DIRCEU DE MARÍLIA  
Joaquim Norberto de Souza e Silva

**DIRCEU DE MARÍLIA**  
**LIRAS**  
Atribuídas a  
Senhora DMJD de S  
(Natural de Vila Rica)

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

*Não ouço as tuas vozes magoadas,  
Com ardentes suspiros  
Às vezes mal formadas:  
Mas vejo, ó cara, as **tuas letras belas**,  
Uma por uma beijo,  
E choro então sobre elas*

***Marília de Dirceu***

## SOBRE AS PRESENTES LIRAS

Não serei eu que afirmarei ou negarei a autenticidade da presente coleção de Liras extraídas de uma cópia que se me afirma ter sido tirada de manuscritos autênticos, cuja ortografia não pude conservar que não mo permitiu a brevidade do tempo que tinha a dispor.

Apócrifas ou originais, completam elas a história dos amores e saudades desses amantes desgraçados que a poesia começou por celebrar e que os homens acabaram por imortalizar; os nomes de Marília e Dirceu se tornaram populares em todo o Brasil, e hoje retumbam pela Europa e América, e um dia se unirão aos de Hero e Leandro, Safo e Faon, Heloísa e Abelardo, Inês e Pedro, Laura e Petrarca, e então serão populares em todo o mundo.

Parece que foram elas escritas em *Vila Rica* e enviadas pela maior parte à cadeia pública do Rio de Janeiro; ao menos assim se depreende de sua leitura e ainda mais dos versos do poeta que vão em testa deste opúsculo como epígrafe; repetem muitas dentre elas os pensamentos de Tomás Antonio Gonzaga; indicam outras ser compostas em resposta às do distinto poeta ou ter motivado a muitas das suas; verdade é, porém, que não se distinguem nelas aquela simplicidade, dote da natureza, que não há imitá-la; contudo não deixará o *Dirceu de Marília* de interessar àqueles que têm sabido apreciar a admirável e nunca imitada *Marília de Dirceu*.

A autora, ou quem quer que seja, não só procurou variedade nos pensamentos, como nos metros, e são todos eles, segundo noto, os que estavam em uso em fins do século passado. Seguiu o exemplo de Gonzaga, adornando os seus versos com a rima, que por certo muito concorre para a harmonia, como o ritmo para a cadência; lástima é, porém, que, como Gonzaga reproduzisse cenas da Arcádia nos pitorescos sítios do Brasil, e assim nos privasse de quadros interessantes nos quais assaz se prezaria a cor local, que por certo, falece na maior parte delas; todavia, se errou com aquele que tomou por mestre, também não deixou de se atraindo alguma vez com ele, esquecendo preceitos a que se impusera

Publico-as em duas partes para irem em mais harmonia com as da *Marília de Dirceu*, pois que bem sabido é que a parte terceira é apócrifa; assim tenham elas acolhimento do público, para cobrar ânimo e trazer à luz pública nova edição, não só mais melhorada como acrescentada de outras liras que sei existem.

*Niterói, agosto de 1845*

***J. Norberto de S.S.***

I

Amores

**LIRA I\***

Eu, Dirceu, não sou pastora  
   De abastado  
   Grosso gado,  
 Nem casal tenho que valha  
 A pena de ser notado;  
   Tenho minhas  
   Ovelhinhas  
 Na maior estimação;  
 Se não tens em mim bens altos,  
 Tens um firme coração.

Mas não corres sem riqueza,  
   Sem ventura  
   À Formosura,  
 Cobiçoso de ouro e prata  
 Que é de tantos desventura;  
   Só almejas,  
   E desejas  
 Possuir a minha mão;  
 Se não tens em mim bens altos,  
 Tens um firme coração.

Teu semblante alvo qual neve,  
   De corado,  
   E de rosado,  
 Não inveja a tez do jambo,  
 Quando pende sazonado;  
   E um sorriso,  
   De improviso  
 Torna-o digno de feição;  
 Se não tens em mim bens altos,  
 Tens um firme coração.

Os teus olhos tão gabados,  
   Matadores,  
   Sedutores,  
 Traem a turba das pastoras,  
 São inveja dos pastores;  
   Se se volvem,  
   Tudo envolvem  
 Na mais terna sedução;  
 Se não tens em mim bens altos,  
 Tens um firme coração.  
 Teus cabelos de ouro fino

---

\* Vide a Lira I da primeira parte de *Marília de Dirceu*.

Delicados,  
Anelados,  
Não são como dos Pastores  
Destes montes, destes prados:  
Mas luzentes,  
Reluzentes,  
Como os raios do Sol são;  
Se não tens em mim bens altos,  
Tens um firme coração.

Porém valem mais que tudo  
Teu agrado  
Delicado,  
Que te torna entre os pastores  
Mais que todos estimado;  
Voz singela,  
Amena e bela,  
Toda cheia de atração;  
Se não tens em mim bens altos,  
Tens um firme coração.

Tu perguntas se Marília  
Te assegura  
Da ventura  
De ser tua para sempre,  
Qual ser seu teu peito jura;  
Me enriqueces  
E ofereces  
Tua própria habitação;  
Se não tens em mim bens altos,  
Tens um firme coração.

E o que mais invejar pode  
Tua amada  
Extremada,  
Que por ti vive em suspiros,  
Que te preza namorada?  
Sim aceito,  
Não enjeito  
Tua oferta e condição;  
Se não tens em mim bens altos,  
Tens um firme coração.

Tens de teu um casal próprio;  
Dá-te azeite,  
Dá-te leite,  
Que munges das ovelhinhas,  
Que são teu maior deleite;

Dá-te vinho,  
Lãs e linho,  
E do que hás precisão;  
Se não tens em mim bens altos,  
Tens um firme coração.

Dos pastores deste monte  
Admirado,  
Respeitado  
Sempre foi e será sempre,  
Será sempre o teu cajado;  
Nem se enluta,  
Quando a luta  
Vence com admiração;  
Se não tens em mim bens altos,  
Tens um firme coração.

No tanger da sanfoninha  
Bem tiveste,  
E mereceste  
Sempre gabos e louvores;  
Até louva o próprio Alceste,  
E se cantas,  
Tu me encantas,  
Que tua voz toda atração;  
Se não tens em mim bens altos,  
Tens um firme coração.

Vem Dirceu, sou tua amante,  
Eu te amo  
E só reclamo  
Ter de ti igual destino,  
Que por ti toda me inflamo;  
Bem mereces,  
E conheces  
Desta ingênua confissão;  
Se não tens em mim bens altos,  
Tens um firme coração.

Sempre unidos e enlaçados,  
Venturosos,  
E ditosos,  
Passaremos nossos dias,  
Nossos anos invejosos,  
'Té que a morte,  
Com seu corte,  
Finde tão bela união;  
Se não tens em mim bens altos,



Tens um firme coração.

**LIRA II\***

Fugi, pastoras,  
 Que andais no prado,  
 Que disfarçado  
 Anda o traidor;  
 Fugi, pastoras,  
 Fugi de Amor.

Sem arco e aljava  
 Hoje aparece,  
 Bem se conhece  
 Nisso o traidor;  
 Fugi, pastoras,  
 Que esse é Amor.

Pelos seus ombros  
 Caem os cabelos,  
 Finos, e belos,  
 De loura cor;  
 Fugi, pastoras,  
 Que esse é Amor.

Oh quando pode  
 Seu olhar brilhante!  
 É penetrante  
 E encantador;  
 Fugi, pastoras,  
 Que esse é Amor.

Se ele encarar-vos,  
 Fugi de vê-lo;  
 Além de belo  
 É sedutor;  
 Fugi, pastoras,  
 Que esse é Amor.

Dirige ovelhas,  
 Traz um cajado,  
 Anda trajado  
 Como um pastor;  
 Fugi, pastoras,  
 Que esse é Amor.

Letras entoa,

---

\* Parece ser em resposta a esta a Lira XVI de primeira parte da *Marília de Dirceu*.

Jamais ouvidas,  
E nem sabidas  
De um só pastor;  
Fugi, pastoras,  
Que esse é Amor.

Toca lá junto  
Da fontezinha,  
A sanfoninha,  
Cheia de ardor;  
Fugi, pastoras,  
Que esse é Amor.

Se ele falar-vos,  
Sabei seu nome,  
Talvez o tome  
De algum pastor;  
Porém, pastoras,  
Fugi de Amor.

**LIRA III\***

Dirceu, atende  
Os meus queixumes,  
De amor nascidos  
São meus ciúmes.

Eu sei, que outra,  
Que outra pastora  
De há muito tempo,  
Que te namora.

Aonde te encontra  
Olha e te mira  
Horas inteiras,  
Por fim suspira.

Passas por ela,  
Diz-te ela graças,  
Sem que lhe mostres  
Sequer negaças.

Com ela dançaste  
Lá na floresta,  
Ainda há pouco,  
Quando houve a festa.

De mim em breve  
Tu esquecido,  
Ah ver-te espero  
A Laura unido!

Outra beleza,  
Outros encantos,  
Darão assuntos  
A novos cantos...

Porém, Marília  
À desventura  
Vai ocultar-se  
Na sepultura.

---

\* Parece ser em resposta a esta a Lira XVI da primeira parte de *Marília de Dirceu*.

## LIRA IV

Deixa o meu peito,  
 Ó Deus menino,  
 De amor isento,  
 Que é seu destino  
 Assim viver;  
 Em vão amimas,  
 Em vão afagas,  
 Abres mil chagas,  
 Fazes morrer.  
 Cruel veneno  
 Foi sempre amor.  
 Como és tirano,  
 Ó Deus traidor,  
 Os teus prazeres  
 Terminam em dor.

À terna Safo  
 Foi o amante  
 Um fementido,  
 Um inconstante,  
 Um infiel;  
 E a desditosa,  
 Entristecida,  
 Põe fim à vida,  
 Sempre fiel.  
 Seu ai de morte,  
 Foi ai de amor.  
 Como és tirano,  
 Ó Deus traidor,  
 Os teus prazeres  
 Terminam em dor.

Inês formosa,  
 De um rei amada  
 Ah foi ditosa,  
 Viu-se adorada,  
 Pedro a esposou!  
 Porém por cara  
 Pagou a dita,  
 Cruel desdita  
 A assassinou.  
 Ah foi seu crime  
 Somente amor!  
 Como és tirano,  
 Ó Deus traidor,  
 Os teus prazeres

Terminam em dor.

À meiga Hero  
Foi o Amante  
Sempre extremoso,  
Sempre constante,  
Sempre fiel,  
E por amá-la,  
Ó triste sorte!  
Sucumbe à morte  
Dura e cruel!  
E a desgraçada  
Morreu de amor.  
Como és tirano,  
Ó Deus traidor,  
Os teus prazeres  
Terminam em dor.

Sim...mas quem pode  
Resistir tanto  
Às tuas setas,  
Ao teu encanto,  
Ao teu poder?  
Cedo, bem cedo,  
Ó Deus verdugo,  
Ao duro jugo  
Devo ceder.  
Vítima triste  
Serei de amor.  
Como és tirano,  
Ó Deus traidor,  
Os teus prazeres  
Terminam em dor.

## LIRA V

Apagaram-se as lúcidas estrelas  
 Apenas despontou no céu a aurora,  
 E já a incerta luz, cheia de encantos,  
     Os horizontes cora.

Já, os ninhos deixando, os ares talham  
 Os lindos passarinhos velozmente,  
 E aqui pelos raminhos pendurados  
     Cantam alegremente.

Pintadas cabras trepam pelos montes,  
 Deixando os verdes campos orvalhados;  
 Tangendo a fruta seguem os pastores  
     Seus nédios, mansos gados.

E tu, aonde\* estás, Dirceu querido,  
 Que não vens ver a quem só ver-te aspira,  
 A triste amante, cheia de saudades  
     Que só por ti suspira?

Aos campos não trarás os teus rebanhos?  
 Hoje não te verei aqui cantando?  
 Não ouvirei ao som da sanfoninha  
     As ovelhas balando?

Ah que a tua ausência me motiva mágoas,  
 Motiva-me pesares!...A saudade  
 Me enche o peito de dor e de gemidos,  
     Me enche de ansiedade!

Não, não deixes de vir a estes campos,  
 Com isso me darás prazer dobrado;  
 Longe de ti viver um só instante,  
     Não pode o bem prezado.

Aqui saudosamente corre o rio;  
 Aqui o sol o seu calor modera;  
 Aqui vem, que Marília aqui descansa,  
     Aqui por ti espera.

Te espera, mas em vão; em vão os olhos  
 Pelos trilhos estende da campina;  
 Nem um leve sinal de seu amante  
     Nos trilhos descortina.

---

\* Manteve-se a forma **aonde**, conforme o autor grafou na edição *princeps*.

Cansada de esperar eu me retiro;  
Tornarei quando o sol atrás da serra  
Esconder-se de todo, e fresca sombra  
Derramar-se na terra.

Aqui me encontrarás, pastor querido,  
Nestes troncos, que a amor vivem sujeitos,  
Nos quais gravados temos nossos nomes,  
Quais dentro em nossos peitos.



**LIRA VI**

Invoco as musas,  
Afino a lira,  
Amor me inspira,  
Eu vou cantar:  
Hoje um retrato  
Quero pintar;  
Correi, Amores,  
A me ajudar;  
Tintas mimosas  
Ide buscar.

Cabelos louros,  
Alvo semblante,  
E penetrante  
Divino olhar.  
Um tal retrato,  
Vamos pintar;  
Correi, Amores,  
A me ajudar;  
Tintas mimosas  
Ide buscar.

As sobrancelhas  
São arqueadas,  
Mas carregadas  
Não devem estar.  
Um tal retrato  
Vamos pintar,  
Correi, Amores,  
A me ajudar;  
Tintas mimosas  
Ide buscar.

Pelos seus olhos  
Em brincozinhos  
Os cupidinhos  
Estão a saltar.  
Um tal retrato  
Vamos pintar;  
Correi, Amores,  
A me ajudar;  
Tintas mimosas  
Ide buscar.

Vamos aos lábios

Aonde os risos,  
E mil sorrisos  
Estão a brincar.  
Um tal retrato  
Vamos pintar;  
Correi, Amores,  
A me ajudar;  
Tintas mimosas  
Ide buscar.

Pérolas claras,  
Belas, luzentes,  
Pelos seus dentes  
Deveis tomar.  
Um tal retrato  
Vamos pintar;  
Correi, Amores,  
A me ajudar;  
Tintas mimosas  
Ide buscar.

É breve a boca,  
Que ditozinhos  
Engraçadinhos  
Sabem adornar.  
Um tal retrato  
Vamos pintar;  
Correi, Amores,  
A me ajudar;  
Tintas mimosas  
Ide buscar.

No peito habita  
Sábua virtude,  
Que vício rude  
Sabe odiar.  
Um tal retrato  
Vamos pintar;  
Correi, Amores,  
A me ajudar;  
Tintas mimosas  
Ide buscar.

Braços perfeitos,  
Perfeita altura  
E compostura  
De se invejar.  
Um tal retrato

Vamos pintar;  
Correi, Amores,  
A me ajudar;  
Tintas mimosas  
Ide buscar.

Como é difícil  
Esse retrato  
Fiel, exato,  
Aqui findar!  
Um tal retrato  
Como pintar?  
Em vão, Amores,  
A me ajudar,  
Tintas mimosas  
Fostes buscar.

## LIRA VII\*

Ah! não presumas,  
 Que um peito amante  
 Seja inconstante,  
 Terno Dirceu;  
 Ele que a lira  
 Tua escutando  
 Foi se inflamando  
 Do fogo teu.

Que importa exista  
 Inda viçosa  
 A árvore frondosa,  
 Aonde gravou  
 A tua destra  
 Meu juramento,  
 Que em esquecimento,  
 Me não ficou.

Hoje viçosa  
 A olaia existe,  
 Hoje resiste  
 Ao furacão;  
 Porém que importa,  
 Se dentro em breve  
 Um sopro leve  
 Prostra-a no chão?

Oponha embora  
 Sua ira a sorte,  
 Oponha a morte  
 O seu furor;  
 Sempre em meu peito  
 Eterna dura  
 Terá a jura  
 De meu amor.

Vive ditoso;  
 Sou tua amante;  
 Leal, constante,

---

\* Parece ser em resposta à Lira IV da primeira parte da *Marília de Dirceu*.

Me mostrarei;  
E como a rocha,  
Que o mar combate,  
E não abate,  
Firme serei.

## LIRA VIII

Depois dos frios do gelado inverno  
Volta a terra a brilhante primavera,  
E rainha das flores  
Alegremente impera.

Desponta o sol no carro seu de ouro,  
E sem névoas nas traz o belo dia,  
Que no mundo derrama  
O riso da alegria.

Assim, depois da tua ausência ímpia,  
Meu peito, compungido pelas dores,  
Sente se dissiparem  
Seus cruentos rigores.

Ah quem ama, Dirceu, viver mal pode  
Longe dos olhos de seu bem prezado,  
Sem que seu peito seja  
Da dor apunhalado!

Se para nunca mais voltar às Minas  
Te partisse \* sem mim; ah nesse dia  
À tão cruel ausência  
Triste sucumbiria!

---

\* Manteve-se a forma verbal conforme a edição *princeps*.

**LIRA IX**

Aqui sobre um ramo  
Dois ternos pombinhos  
Se beijam, unindo  
Os ternos biquinhos.

Aqui exercitam  
Seus castos amores,  
Isentos de mágoas;  
E cruentas dores.

Mas nos ninhos brandos  
Os meigos filhinhos  
Lá soltam mil pios,  
Abrindo os biquinhos.

As asas batendo  
Já deixam o ramo,  
Lá vão pressurosos,  
Que ouvem o reclamo.

Com eles deveres  
De pais exercitam;  
Nos ternos biquinhos  
Os grãos depositam.

Oh! como da vida  
As funções preenchem!  
Oh! como de inveja,  
Dirceu, não nos enchem?

Porém inda um dia  
Unidos seremos,  
E vida de amores  
Assim gozaremos.

**LIRA X**

Aqui um lenço  
Eu te bordava,  
E de meus versos  
O circulava.

Eu escrevia,  
Por doce encanto,  
Estas letrinhas  
Em cada canto:

“Unidos inda  
Além da morte,  
Dirceu, que bela  
É nossa sorte!

Em ternos laços  
Os nossos peitos,  
No amar-se mútuos  
Serão perfeitos.

E destes montes  
Os mais pastores  
Hão de invejar-nos  
Os são amores...”

Não acabava,  
Eis senão quando  
O Deus vendado  
Já vejo entrando.

Leu os meus versos,  
Leu, e sorriu-se,  
Porém de siso,  
Ah revestiu-se!

Toma-me o lenço,  
Pega da agulha,  
No fino linho  
Destro mergulha.

Porém o lenço  
Meu, entregando  
Se retirara,  
Triste, chorando.

Eu, disse tudo



Admirada,  
Vou ver a letra  
Por ele marcada.

“Porém a ausência,  
Que sorte ímpia  
A separá-los  
Virá um dia.”

Ah que destino,  
Dirceu querido,  
Não nos reserva  
O fementido!

Ele que tinha  
Tão boa sorte  
Nos prometido,  
Nos lavra a morte.

Olha esse lenço,  
E lê marcada  
A letra dele  
Tão malfadada.

**LIRA XI**

Agora que a sós estamos,  
Vem, papagaio, escutar-me;  
Aprende estes ternos versos,  
Que há de com isso alegrar-me.

Não estejas contristado,  
Não pesam tuas correntes;  
Cativo de minha estima,  
São teus ferros inocentes.

Aqui melhor que em teus bosques  
Tens d'água fresca do rio,  
Aqui tens leite e legumes,  
Não sofres calor ou frio.

Não vês os teus companheiros?  
Pelo tiro vão morrendo,  
Enquanto que vás, meu louro,  
Com o trato de amor vivendo.

Canta, canta a todo instante,  
Que cantar é teu destino;  
Mas não digas, avezinha,  
Que eu sou quem sempre te ensino.

Repete este grato nome,  
Dize: *Dirceu*, meu louro,  
Que este nome é mais que tudo,  
Vale a meu peito um tesouro.

Mas nunca, minha avezinha,  
O repitas desligado;  
Une a este de *Marília*,  
A que deve andar ligado.

## LIRA XII

Solta Glauceste

A voz divina,  
Louva a beleza  
Da ingrata Eulina;  
Que nem um riso  
Nem um sorriso  
Jamais lhe dá.

Ah que tal paga  
Da sua amante,  
Dirceu constante  
Nunca terá!

O terno Alceste

Também na lira  
Canta de Laura  
O amor que o inspira,  
Porém de um peito  
De rocha feito  
Que obterá?

Ah que tal paga  
De sua amante,  
Dirceu constante  
Nunca terá!

Muitas louvadas

Pela beleza,  
Não o merecem  
Quanto à dureza;  
Que um peito ingrato,  
Ah jamais grato  
Se mostrará!

Ah que tal paga  
Da sua amante,  
Dirceu constante  
Nunca terá!

Dirceu benigno

Louvares teça  
A sua amada,  
Sem o que mereça,  
Que agradecida  
Por toda a vida  
A encontrará.

Sim, esta paga  
Da sua amante  
Dirceu constante

Sempre terá!

**LIRA XIII**

Por que é que balas,  
Minha ovelhinha,  
O que te falta?  
Já não bebeste  
Na fontezinha?

Balas tão triste,  
Tu, que saltavas  
Alegre sempre  
Mais do que as outras,  
Com as quais andavas.

Aqui não gozas  
Macia relva,  
E, quando o dia  
Se torna quente,  
Sombra na selva?

Não te destingo  
Minha ovelhinha?  
Qual é das outras,  
Que, bem tratada  
Traz coleirinha?

Dela não pendem  
Sonoros guizos?  
Não tem meu nome  
Aí gravado  
Entre seus frisos?

Ah já conheço  
Por que estás triste;  
Nem hoje dele  
Foste afagada,  
Nem mesmo o viste!

Ah! se esta pena  
Tu hoje sentes,  
Também Marília  
Sofre, e derrama  
Prantos ardentes.

Porém a ausência,  
Minha ovelhinha,  
Já vai ter termo,  
Que lá ressoa

A sanfoninha!...

## LIRA XIV

Inda é Dirceu frondosa a nossa olaia;  
 Os passarinhos inda aqui gorjeiam;  
 E as flores, que produzem estes prados,  
 O ar aformoseiam:

Aqui sereno o Ribeirão caminha  
 Sobre areias de ouro e diamantes;  
 Aqui ainda eleva o alto coqueiro  
 As palmas verdejantes;

Inda o eco murmura docemente  
 Os fugitivos sons que nos ouvira;  
 Inda nestes pinheiros enramados  
 A viração suspira.

A olaia recebeu a nossa jura,  
 Os ternos passarinhos a cantaram,  
 E as flores de perfume delicado  
 O ar embalsamaram:

O Ribeirão corria com sussurro,  
 Vendo que as nossas almas se ligaram;  
 E do coqueiro as palmas verdejantes  
 Nos ares se agitaram:

O eco a transmitiu a outros ecos;  
 Talvez chegasse a terras apartadas,  
 Que a viração da tarde a transportara  
 Nas asas encurvadas.

Quando vires secar a esbelta olaia,  
 E os lindos passarinhos não cantarem,  
 E as flores mais gentis e mais cheirosas  
 De vegetar deixarem;

Quando este Ribeirão pobre e turvado,  
 Rolar as ondas pelo fulvo lodo  
 E abater-se o coqueiro e em pó tornado  
 Desfizer-se de todo;

Quando o eco calado, ensurdecido,  
 Não repetir teu nome após tua amada,  
 Nem nos pinheiros sussurrar o silvo  
 Da viração cansada;

Então, Dirceu, então tua Marília

Deixará de te ser fiel amante;  
Chama-lhe então de falsa e fementida,  
De ingrata e de inconstante.



## LIRA XV

Não sei se é certo,  
 Ouvi dizer,  
 Porém será,  
 Que o mal bem perto  
 Do bom prazer  
 Sempre andará  
     Esses penhores,  
 Penhores meus,  
 Quem os terá?  
 Nossos amores  
 O próprio Deus  
 Amaldiçoará.  
     Ah se tu partes,  
 Adeus, adeus!

    Ligado a ferros,  
 Correntes vis,  
 Ah partirá;  
 Quais são seus erros,  
 Quais seus ardis,  
 Que os sofrerá?  
     Esses penhores,  
 Penhores meus,  
 Quem os salvará?  
 Nossos amores  
 O próprio Deus  
 Reprovará?  
     Ah se tu partes,  
 Adeus, adeus!

    Deste meu peito  
 Sem ti, Dirceu,  
 O que será?  
 Sentindo o efeito  
 Do exílio teu  
 Só generá.  
     Porém penhores,  
 Penhores teus,  
 Bem guardará;  
 Nossos amores  
 O próprio Deus  
 Protegerá.  
     Ah se tu partes,  
 Adeus, adeus!

A tua amante

Terna e fiel  
Sempre será;  
De ti distante,  
O teu anel  
Me lembrará.

    E tais penhores,  
Penhores teus,  
Não esquecerá;  
Nossos amores  
O próprio Deus  
Abençoará.

    Ah se tu partes,  
Adeus, adeus!

    À sua amante  
Também Dirceu  
Fiel será;  
Rosa adorada,  
Que ela lhe deu,  
A lembrará.

    E tais penhores,  
Penhores meus,  
Quem esquecerá?  
Nossos amores  
O próprio Deus  
Abençoará.

    Adeus, tu partes,  
Adeus, adeus!



II □  
,,

6\$8'D\$(E6 □□

## LIRA I

Deixa este peito, que a saudade habita,  
 Deixa meus tristes, tão saudosos lares,  
 E vai, suspiro ardente,  
 Romper os leves ares.

Longe daqui o meu Dirceu respira,  
 Respira, e , ai de mim, não sei aonde,\*  
 Que infame e atroz calúnia  
 Em vil masmorra o esconde.

Porém gira, procura, que hás de achá-lo  
 Lá onde tu ouvires o meu nome,  
 Entre os ais repetido  
 Da dor, que hoje o consome.

Com o ar, que ele respira, te mistura,  
 Mas não lhe digas de quem és, suspiro;  
 Nem que és triste mandado  
 De tão longe retiro.

É fácil conhecer-se um desgraçado,  
 E ele logo verá, que tão sentido  
 Só partes deste peito  
 De tanta dor ferido.

Talvez cuide que és o derradeiro,  
 Talvez pense que és meu ai de morte;  
 Dize-lhe pois que vivo,  
 Que afronto a dura sorte.

Que os olhos já cansados não têm prantos,  
 Que a não me vir do céu pronto socorro,  
 Ah perderá-me em breve,  
 Que aflita e triste morro.

---

\* Manteve-se a forma original.

**LIRA II\***

Ah que não vejo  
Teu lindo rosto  
Com aquele gosto  
Do peito meu;  
Já te não vejo  
Com a sanfoninha,  
Que me entretinha,  
Meu bom Dirceu,

Já te não vejo  
Com o manso gado,  
Que desgarrado  
Vai sem pastor;  
Já me não toucas  
Nesta floresta,  
Durante a festa,  
Com linda flor.

Tempo ditoso  
De meus amores,  
Encantadores,  
Veloz passou;  
E hoje, ó destino,  
Cruel verdade!  
Triste saudade  
Dele ficou!

Tudo no mundo  
É passageiro;  
Tarde e ligeiro  
Há tudo fim.  
Não mais suspiro,  
Não mais deploro,  
Nem triste choro,  
Que é tudo assim.

---

\* Refere-se à Lira I e outras da primeira parte da *Marília de Dirceu*

### LIRA III

Amor, que os tristes dias me envenenas,  
 Amor, deixa o meu peito  
 Folgar livre de penas.

Meus olhos de chorar já se estancaram,  
 E do peito os suspiros  
 De todo se esgotaram.

Porém eu inda sofro; vê meu peito,  
 Vê como retalhado  
 À dor vive sujeito.

Num só dia perdi quanto prezava,  
 Um coração tão grande,  
 Que assaz, assaz me amava.

Levasse muito embora a sorte ímpia,  
 Levasse muito embora  
 Quando de meu havia.

Mas ah! não me levasse esse objeto  
 Digno de minha estima,  
 Digno de meu afeto.

Tu és Amor, tu és duro verdugo;  
 Alegres só vivemos  
 Isentos do teu jugo.

Mal nosso peito foi por ti vencido,  
 Que a existência se azeda,  
 Que tudo está perdido.

Heloísa e Abelardo \*\* muito se amaram,  
 Porém só no sepulcro  
 Um dia se juntaram.

O que na vida, Amor, não consentiste,  
 -- União merecida --,  
 Na morte permitiste.

E *Marília* e *Dirceu* na lousa dura  
 Lerão cedo os pastores  
 De uma só sepultura.

---

\*\* Na edição original consta Eloyse e Abeilard

**LIRA IV\***

Tu na masmorra  
Gemendo em ferros;  
E por que crimes,  
E por que erros?

No céu sereno,  
Mimosa e bela  
Como brilhava  
A tua estrela!

Mil vezes nela  
Olhos fitava,  
E só de vê-la  
Me contentava.

Porém, agora  
Os olhos pondo,  
De horror me gelo,  
O rosto escondo.

Em um instante  
Tudo mudou-se,  
O riso em pranto  
Cruel trocou-se.

Mal haja o monstro,  
Que te condena  
À tanta ausência,  
À tanta pena.

Que sem que o saiba,  
Ó dura sorte,  
Também me pune  
Com a própria morte.

---

\* A Lira XXVI da segunda parte de *Marília de Dirceu* parece ter sido escrita em resposta a esta.

**LIRA V**

Como triste te tornaste  
Tu que estavas tão contente;  
Como estás emudecido,  
Meu papagaio inocente!

Já, meu louro, me não cantas  
Os versos que eu te ensinava,  
E que eu entregue a mim mesmo  
Em silêncio te escutava.

Ah que já me não repetes  
Aquele tão doce nome!  
Que pesar torna-te mudo,  
Que tristeza te consome?

Queres voltar aos teus bosques,  
Queres ver teus companheiros?  
O que é que aqui te falta,  
Não tens tratos lisonjeiros?

A tua terna senhora  
Não te afaga com carinhos?  
Se lhe falas, não responde,  
Não aceita os teus beijinhos?

Ah já sei, minha avezinha,  
Tu me vês triste, afligida,  
Por isso também te calas,  
Também estás emudecida!

Deixa, que ainda um dia  
Me verás qual já me viste;  
Nem sempre o cantar alegre,  
Nem sempre o silêncio triste.



**LIRA VI**

Meu jardimzinho  
Ainda ontem  
Cheio de flores,  
Que mereciam  
Tantos louvores,  
Hoje tão murcho  
És como eu.

Oh como é triste  
Tudo o que é meu;  
Falta-me tudo  
Sem meu Dirceu!

Esta roseira,  
Inda tão nova  
E tão viçosa,  
Que se elevava  
Aqui frondosa,  
Hoje morrendo  
Vai como eu.

Oh como é triste  
Tudo o que é meu;  
Falta-me tudo  
Sem meu Dirceu!

Tristes florzinhas,  
Nem as resguardo  
Do sol ardente;  
Nem mais as rego  
Na tarde quente;  
Vão fenecendo  
Também como eu.

Oh como é triste  
Tudo o que é meu;  
Falta-me tudo  
Sem meu Dirceu!

Aqui voavam  
Mil borboletas  
De várias cores,  
Que eram dos ares  
Quais soltas flores;  
Se retiraram  
Tristes como eu.

Oh como é triste  
Tudo o que é meu;  
Falta-me tudo

Sem meu Dirceu!

Com as turvas águas  
Deste ribeiro,  
Ontem tão puro,  
O amargo pranto  
Triste misturo,  
Se hoje está turvo  
É como eu .

Oh como é triste  
Tudo o que é meu;  
Falta-me tudo  
Sem meu Dirceu!

Aqui me assento  
Sobre este banco  
De seca relva,  
E um ai soltando,  
Da longe selva  
Responde a rola,  
Triste como eu.

Oh como é triste  
Tudo o que é meu;  
Falta-me tudo  
Sem meu Dirceu!

Dirceu querido,  
Se tu voltasses  
A este saudoso  
Sítio, onde vive  
Teu bem choroso,  
Reviveria  
Tudo como eu.

Seria alegre  
Tudo o que é meu;  
Nada me falta  
Com o meu Dirceu.

**LIRA VII**

Campos, que tão alegre já me vistes,  
Quando os dias felizes me corriam;  
Campos, campos tão tristes,  
Ah deixai que aqui gema  
Quem tem no peito sua dor tão extrema!

Eco, que em tempo para mim ditoso  
Repetiste meus cantos de alegria;  
Eco, eco saudoso,  
Repete os meus lamentos,  
Nascidos de tiranos sofrimentos.

Fonte, que aqui me viste tão ditosa,  
E meu alegre rosto retrataste,  
Fonte, fonte chorosa,  
Recebe este meu pranto;  
Que por amargo não te cause espanto.

Aves, que ouvi aqui de amor cantando,  
No mês em que fazeis os vossos ninhos,  
Aves, aves, voando,  
Soltai o vosso canto,  
Que o mal me abrande com seu doce encanto.

Flores, que amei e que prezei constante,  
E em grinaldas por vezes me enfeitastes,  
Flores, flores, o amante  
Se meigo vos colhia,  
De beijos como este, vos cobria.

Brisa, que vês a minha infausta pena,  
Quando dantes me vias tão risonha;  
Brisa, brisa serena,  
Ah toma este suspiro,  
E leva-o ao meu amante em seu retiro.

Campos, eco, fonte, água, flores, brisa,  
Não divulgueis a causa do tormento  
Que assaz me penaliza;  
Só saibam minhas dores  
Campos, eco, fonte, aves, brisa, flores.

**LIRA VIII**

Ah como tenho,  
Dirceu querido,  
O triste peito  
De dor ferido!  
Ah que nem posso  
Sequer gemer,  
Entregue à mágoa  
Eu vou morrer!

Eu vi, eu própria  
Tua morada  
De povo e tropa  
Toda cercada,  
A te intimarem  
Negra prisão;  
Qual não foi minha  
Perturbação?

Quando passaste  
Eu pranteava,  
Toda sentida;  
Eu delirava,  
Sem poder ver-te,  
Fora de mim;  
Ah foi-me ao menos  
Melhor assim!

Em vil masmorra  
Hoje lançado,  
Da liberdade  
Triste privado,  
A vil calúnia  
A tanto ousou;  
Nossos amores  
Envenenou.

Mal haja o ímpio,  
Que assim traiu-te,  
E em duros ferros  
Sorrindo viu-te;  
Aos seus remorsos  
Se entregará,  
E abandonado  
Fenecerá.

Porém embora

Se ire a sorte;  
Teu grande peito  
Serenos e forte  
Da vil calúnia  
Triunfará;  
Reta justiça  
Te salvará.

Segue, sim, segue  
O teu destino,  
Que mui constante,  
Leal e fino  
Será na ausência  
O meu amor,  
Que juro amar-te  
Seja onde for.

## LIRA IX

No mesmo ninho nascidos  
 Haviam lindos pombinhos,  
 E o seu ninho começaram  
 Entre copados raminhos.

No ninho, sob o arvoredado,  
 Gemia a saudosa amante.  
 Enquanto que o triste amado,  
 Vagava dela distante.

Laço cruel aqui armado  
 O inocentinho esperava;  
 Caiu na falsa arapuça,  
 Que ele sequer suspeitava.

A triste da companheira  
 Lá do arvoredado o chamando,  
 Ternos ais, ternos gemidos  
 Ia do peito soltando.

E já preso na gaiola  
 O seu amante gemia;  
 Da ausência o cruel efeito  
 Por seu martírio sentia.

A amante deixando o ninho  
 Por toda a parte o buscava,  
 E depois para o seu ninho  
 Inda mais triste tornava.

Saudoso da cara amante,  
 Pela qual inda gemia,  
 O triste do desgraçado  
 Já na gaiola morria.

E ela também sentida,  
 Lamentando-se da sorte,  
 Debatia-se ansiosa  
 Nas agonias da morte.

Por que estava o triste preso,  
 Longe de sua metade?<sup>\*</sup>  
 Que delito cometera  
 A perder a liberdade?

---

\* No texto da edição *princeps* consta **ametade**.

Ah neste quadro contemplo,  
Dirceu, a nossa existência!  
Tu sofres, eu também sofro  
Tão injusta violência!

**LIRA X\***

Sempre a teu lado  
Vivi ditosa,  
Fui venturosa  
E mui feliz;  
Porém agora,  
De ti distante,  
Por ser constante  
Vivo infeliz!

E tu padeces  
Duro tormento,  
Vil sofrimento  
Nessa prisão;  
A cada passo  
Teu compassado,  
Tine arrastado  
Negro grilhão.

Nessa masmorra,  
Que te molesta,  
Por fina fresta,  
Só vês a luz;  
Ah tudo isto  
A este estado,  
Tão desgraçado,  
Só me conduz.

A chave soa,  
E a porta dura  
Se abre da escura  
Forte prisão;  
O juiz entra,  
Indaga o crime,  
E não te exime  
Da escravidão.

Sucedede a noite  
Ao triste dia,  
Sem que alegria  
Tu possas ter;  
Que triste sina!  
Antes da morte  
Provar o corte,  
Que assim viver.

---

\* Refere-se ou parece referir-se à Lira XXV da segunda parte da *Marília de Dirceu*.



Em breve o tempo,  
Trará a morte,  
E minha sorte  
Se findará;  
E só destarte  
A dura pena,  
Que me envenena  
Se acabará.

## LIRA XI

Deusas, que a lira eternizou na terra  
 Tecendo altos louvores  
 À vossa formosura e gentileza,  
 Aos vossos sãos amores;  
 Ouvi primeiramente os meus suspiros,  
 Se vos mereço tanto,  
 Atendei-me depois os tristes rogos,  
 Que vos dirijo em pranto.

Ah pelo meu amante  
 Benignas implorai;  
 Os deuses irritados  
 Benignas aplacai!

Safo, que foste em musa convertida,  
 Safo que tanto amaste,  
 Ah tu que sabes quanto amor nos custa,  
 Que por ele findaste;  
 Safo divina, atende os meus suspiros;  
 Não corro sem ventura  
 Após amante falso e fementido  
 Que falta à própria jura.

Ah pelo meu amante  
 Ajuda-me a implorar;  
 Os deuses irritados  
 Ajuda-me a aplacar.

Ó Beatriz, que foste decantada  
 Na lira dos amores,  
 E na lira divina, que cantara  
 Os infernais horrores;  
 Beatriz celeste, atende os meus suspiros;  
 Ah também decantada  
 Eu fui na sua lira, e minha sina  
 Tornou-me desgraçada!

Ah pelo meu amante  
 Ajuda-me a implorar;  
 Os deuses irritados  
 Ajuda-me a aplacar!

Ó Clorinda, que tanto mereceste  
 Por teu peito constante,  
 Que foste celebrada e eternizada

Por teu tão grato amante;  
 Clorinda grata, atende os meus suspiros;  
 Também se na sua lira  
 Ele canta de amor, é porque a minha  
 Constância é que lhe inspira.

Ah pelo meu amante  
 Ajuda-me a implorar;  
 Os deuses irritados  
 Ajuda-me a aplacar.

Ó Natércia, que deste eterno assunto  
 Ao canto da saudade,  
 Com que o grande cantor enchia os ares  
 Da sua soledade;  
 Natércia bela, atende os meus suspiros;  
 Também por mim saudoso  
 Ele geme sem ver a luz do dia  
 Em cárcere horroroso.

Ah pelo meu amante  
 Ajuda-me a implorar;  
 Os deuses irritados  
 Ajuda-me a aplacar!

Ó Laura, que inda ouves em Vauclusa  
 As águas repetindo  
 Os versos, que decantam tuas graças,  
 Teu rosto belo e lindo;  
 Laura ditosa, atende os meus suspiros;  
 Tenha eu a ventura  
 De jazer, como tu, com o terno amante,  
 Na mesma sepultura.

Ah pelo meu amante  
 Ajuda-me a implorar;  
 Os deuses irritados  
 Ajuda-me a aplacar!

Deusas, que a lira eternizou na terra  
 Tecendo altos louvores  
 A vossa formosura e gentileza,  
 Aos vossos são amores;  
 Ó deuses, atendei os meus suspiros;  
 Se sofrestes outrora,  
 Pranteando de dor e de saudade,  
 Marília sofre agora.

Ah pelo meu amante  
Benignas implorai;  
Os deuses irritados  
Benignas aplacai.

## LIRA XII

Não só comigo  
 O duro fado  
 Fero e inimigo  
 Se irou, Dirceu.  
     Não só Marília,  
 Também Eulina  
 O seu amante  
 Triste perdeu.

O desgraçado  
 Em vil masmorra,  
 Ah malfadado,  
 Por fim morreu.  
     Não só Marília,  
 Também Eulina  
 O seu amante  
 Triste perdeu.

Tal desventura  
 De alguma forma  
 A mágoa dura  
 Me alívio deu.  
     Não só Marília,  
 Também Eulina  
 O seu amante  
 Triste perdeu.

E na lembrança  
 Inda conservo  
 Essa esperança,  
 Que ela me deu.  
     Não só Marília,  
 Também Eulina  
 O seu amante  
 Triste perdeu.

“O teu amante  
 Ainda vive,  
 Bem que distante  
 Ah não morreu!  
     Somente Eulina,  
 E não Marília,  
 O seu amante  
 Triste perdeu.

E brevemente

Talvez que volte  
Ledo e contente  
Ao peito teu.  
    Somente Eulina,  
E não Marília,  
O seu amante  
Triste perdeu.

Fosse verdade  
Essa esperança,  
E realidade  
Ao peito meu!  
    Que só Eulina  
E não Marília,  
De todo o amante  
Triste perdeu.

Corre, vem dar-me  
Essa alegria;  
Vem abraçar-me,  
Caro Dirceu  
    Que só Eulina,  
E não Marília,  
De todo o amante  
Triste perdeu.

Porém, ó sorte,  
Estou mostrando  
O peso forte  
Do grilhão teu  
    Não só Eulina,  
Também Marília  
O seu amante  
Triste perdeu!”

## LIRA XIII

O sítio onde outrora  
 Alegre passaste  
 Os anos mimosos,  
 Que tanto gozaste,  
 Em triste deserto,  
 Dirceu, se trocou.

E tua Marília  
 Ah também mudou;  
 De alegre, que era,  
 Triste se tornou!

Disposto a servir-me  
 Levavas meu gado  
 À fonte mais clara,  
 À vargem e ao prado;  
 Agora meu gado  
 De fome expirou.

A tua Marília  
 Ah também mudou;  
 De alegre, que era,  
 Triste se tornou!

Daqueles penhascos  
 Um rio caía,  
 Que vezes sentado  
 Ali não te via;  
 Mas agora o rio  
 De todo secou!

A tua Marília  
 Ah também mudou;  
 De alegre, que era,  
 Triste se tornou!

Aqui uma moita  
 Crescia de flores,  
 Aqui te assentavas  
 Com os outros pastores;  
 Agora em abrolhos  
 Tudo se trocou

A tua Marília  
 Ah também mudou;  
 De alegre, que era,  
 Triste se tornou!

Aqui se estendia  
 Formosa floresta,  
 Aonde passavas

A tarde e a sesta;  
Porém o incêndio  
Tudo devastou.

A tua Marília  
Ah também mudou;  
De alegre, que era,  
Triste se tornou!

O eco que dantes  
Tua voz repetia,  
Teus versos amados,  
E quanto te ouvia;  
Sendo a meus suspiros  
Ah já se calou!

A tua Marília  
Ah também mudou;  
De alegre, que era,  
Triste se tornou!

Os pássaros dantes  
Aqui revoavam,  
Seus hinos contentes  
Aqui entoavam;  
Mas agora tudo  
Aqui se calou

A tua Marília  
Ah também mudou;  
De alegre, que era,  
Triste se tornou!

Tão bela que estava  
A olaia frondosa,  
Aonde escrevemos  
A jura amorosa;  
As folhas largando  
De toda secou

Só tua Marília  
Na fé não mudou,  
Se firme te era,  
Mais firme ficou.



### LIRA XIV

Aos dias, meu Dirceu, sucedem anos,  
Sem que te veja aos teus restituído,  
E dos bens, que roubou-te\* a sorte ímpia,  
De novo enriquecido.

Oh como não desejo ver ainda  
Abertas as janelas da tua herdade,  
E tu gozando ao lado dos amigos  
Da tua liberdade!

Parece que te vejo vir entrando  
Por este sítio dantes tão fagueiro,  
E mal te vê, te desconhece e late  
O teu fiel rafeiro.

Porém mal pelo nome teu lhe\*\* chamas  
As orelhas bate, a cauda abana;  
Uiva, e salta, e te lambe os brancos dedos,  
Com grande festa insana.

Lá vem correndo dos confins do campo,  
Ou daquela sonora fontezinha,  
As brancas ovelhinhas, porque ouvem  
A tua sanfoninha.

Aquela vaca com tardio passo  
Vem inda a verde relva mastigando;  
A boca, que de negro e branco é tinta,  
Fumaça vem lançando.

Pára ante ti e a cabeça abaixa,  
Suspende a cauda no quadril burnido;  
Tu lhe corres a mão de levemente  
Sobre o pêlo luzido.

Porém ao longe muge a bezerrinha,  
Ela responde-lhe também mugindo;  
Com a tosca língua a branca mão te lambe  
E pronta vai seguindo.

Aqui te felicitam, te cortejam  
Os pobres pegureiros e pastores,  
E torna a repetir o eco vizinho  
O canto dos amores.

---

\* Manteve-se a colocação pronominal proposta pelo autor.

\*\* Respeitou-se a regência proposta pelo autor.

É um sonho, Dirceu, de um doce sono,  
Do qual me acorda a atroz diversidade,  
Porém que ainda pode converter-se  
Em uma realidade.

**LIRA XV**

Ah que tu gemes  
Nessa masmorra  
De mágoa e dor;  
Ah que eu suspiro  
Na minha aldeia,  
Ah que eu deliro,  
Porém de amor!

Aí procuras  
Doces lembranças  
Do que passou;  
E eu ante as cenas  
Destas campinas,  
Cruentas penas  
Sofrendo estou.

Lá na masmorra  
Fechas os olhos,  
Que é tudo horror;  
E eu suspiro  
Triste e aflita,  
Que este retiro  
Recorda amor.

A meiga Hero  
Porque se esqueça  
Do seu pesar,  
Chorando a sorte  
Do caro amante  
A dura morte  
Soube afrontar.

Eu inda vivo,  
Que inda a esperança  
Me não deixou;  
Mas isto é vida?  
Ah desgostosa  
Aborrecida  
Morrendo vou.

## LIRA XVI\*

Dirceu, que pensas  
Da tua amante,  
Que ela de rir-se  
E de alegrar-se  
Tenha um instante?

Assaz me aflijo  
Da tua sorte,  
E aos Deuses peço  
A meu alívio  
Rápida morte.

Ah nem me é dado  
Ao meu discurso,  
Ao triste pranto,  
A dor cruenta  
Dar livre curso.

Pesar contínuo  
Sofre meu peito,  
Que da tua ausência  
Ocultamente  
Sente o efeito.

Choro às ocultas,  
Sofro em segredo,  
Gemo sozinha,  
Como o proscrito  
Em seu degredo.

Ah também dantes  
O meu sorriso,  
Por imperfeito  
Mal me traía  
Do rosto o siso.

Também a vista  
Era furtiva,  
E só de ver-te  
Dentro em mim mesmo  
Ficava altiva.

Mas minha sina

---

\* Tem alguma referência a algumas Liras da *Marília de Dirceu*.

E desventuras  
Fizeram amar-te,  
Por que eu sofresse  
Tais amarguras.

Mas fica certo  
Desta verdade,  
De que agora  
Bem te assegura  
Minha saudade:

“Não mais queixumes  
Farei constante;  
Sofrerei tudo  
Por teu respeito  
Que sou tua amante.”

## LIRA XVII

Se há desgostos, Dirceu, é a lembrança  
Dos bens que já gozamos \* neste mundo,  
    Quando a desgraça avança;  
Assim ao me lembrar dos tenros anos,  
Não sei como de mágoa não sucumbo,  
    A tão cruentos danos.

Ah tudo me recorda os belos dias,  
Nossas venturas cheias de esperanças,  
    E nossas alegrias;  
Não é a memória que me está lembrando,  
São objetos que os meus tristes olhos  
    Estão só divisando.

Saio à janela, saio descuidada,  
E sem que o queira logo dou com a vista  
    Em tua morada,  
Que me vem recordar passados dias  
Em que as horas gastavas em esperar-me,  
    Até que enfim me vias.

Vejo a floresta cheia de pinheiros,  
Onde passamos juntos sossegados  
    Mil dias prazenteiros;  
Vejo o rio que inda se despenha  
Com murmúrio sentido e malformado  
    Da alcantilada penha.

Tudo mudou-se em triste desventura;  
Trocaram-se os momentos preciosos  
    De nossa sã ventura,  
Que tudo muda o tempo e muda a sorte,  
Porém dele a lembrança tão saudosa  
    Mudar só pode a morte.

---

\* *Gozemos* no original

**LIRA XVIII\***

Aqui me chegaram  
Aos tristes ouvidos  
Uns ternos gemidos,  
E vi que eram teus;  
Aqui os conservo,  
Conservo nos peitos,  
Em laços estreitos,  
Unidos aos meus.

E Dirceu pensava  
Que eles desprezados,  
Ou mal abrigados  
Haviam de ser;  
Que importa a injustiça,  
Que importam teus ferros?  
Quais foram teus erros  
Para os merecer?

Tu mesmo me dizes,  
E já me dizias  
Nos felizes dias  
De nossa união:  
“Os crimes desonram  
Se são existentes,  
Mas os inocentes  
Infames não são.”

Mas fosses culpado  
Que inda te amaria,  
E me inflamaria  
No fogo de amor;  
Mas és inocente,  
Tua sorte deploro,  
E aos Deuses imploro  
Com todo o fervor.

Em uma masmorra  
São noites teus dias;  
Tuas alegrias  
Contínuo pesar;  
Porém tal estado,  
Tal padecimento,  
Tanto sofrimento,  
Não devem durar.

---

\* Não se pode duvidar de que esta Lira seja escrita em resposta à XVII da segunda parte de *Marília de Dirceu*.

E eu sem que viva  
Em duros destellos,  
Sem sofrer teus ferros  
Não estou a gemer?  
Mas sempre à esperança  
Tenho o peito aberto,  
E ainda liberto  
Te hei de cedo ver.

Sofre, mas espera  
E espera, que um dia,  
De grande alegria  
Nos há de inda vir;  
E então estes braços,  
Dirceu inocente,  
Alegre e contente  
Te hei de eu abrir.



## LIRA XIX

Ah que nem eu possuia  
 A lira, que pulsada  
 A famosa cidade  
 Viu logo edificada!  
 Vinham de longe os penedos duros  
 A escutar de mais perto os sons divinos,  
 A formar os robustos, longos muros.

Ah que nem sequer tenha  
 A sonora lira,  
 Que os rios suspendera,  
 Que os troncos atraíra,  
 E os feros, bravos brutos amansara,  
 Que extraindo das cordas sons celestes  
 Capaz de ações maiores me julgara!

Não ergueria os muros  
 À famosa cidade,  
 Por competir com os vates,  
 Que teve a antiguidade.  
 Nem quisera p'ra mim a sua fama,  
 Que o desejado louco amor de glória  
 A inchados peitos vãos somente inflama.

Não fora ao negro Averno,  
 Onde soam lamentos,  
 Onde vagam suspiros,  
 Gerados por tormentos,  
 A abrandar de Plutão a eterna ira,  
 E suspender os duros sofrimentos;  
 Assunto mais feliz amor me inspira.

Ah Dirceu, mais faria!  
 Teus fados aplacara,  
 E da infame masmorra  
 Contente te arrancara!  
 Aos sons da lira os ferros teus desfeitos,  
 Ficarias então de todo preso  
 Em laços mais suaves e estreitos.

Porém se falha a lira,  
 Também a não careces,  
 Que por culpáveis erros  
 Tais ferros não mereces;  
 Só falha da justiça a diligência,  
 Que reta procurasse em ti delitos

Para em ti encontrar honra e inocência.

## LIRA XX\*

Donde vens, oh passarinho,  
 Que terras atravessaste,  
 Que assim cheio de fadigas  
 Sobre o meu seio chegaste?

Vens de terras tão distantes,  
 Vens do Rio de Janeiro!  
 Ah não me digas que trazes  
 Tristes novas, mensageiro!

De uma masmorra saíste  
 Sim já sei quem enviou-te \*\*,  
 Quem estas tristes palavras,  
 Meu passarinho ensinou-te.

Ah volta à tua masmorra,  
 Passarinho sonoro;  
 Volta para aquele peito,  
 Que enviou-te tão saudoso!

Deixa esta triste morada  
 E passa a ponte primeira,  
 Passa depois a segunda,  
 Passa depois a terceira.

Segue, deixa Vila Rica,  
 E toma do Rio a estrada,  
 Segue a serra, e fatigado  
 Pousa em árvore copada.

Retoma depois o vôo,  
 Desce pelas abas dela;  
 Rompe os ares velozmente,  
 E ganha o porto da Estrela.

E na formosa baía,  
 De montanhas torneada,  
 Ganha e segue sem descanso  
 A sua triste morada.

Penetra nas grossas grades  
 E entra a sua masmorra

---

\* Depreende-se claramente que foi esta Lira escrita em resposta à Lira 36 da segunda parte de *Marília de Dirceu*.

\*\* Mantivemos a colocação do pronome conforme a edição *princeps*, nesses e em outros lugares..

Aonde o triste suspira,  
Sem ter lá quem o socorra.

Dá meu terno passarinho  
Conta de tua viagem;  
E dá-lhe mais, passarinho,  
Conta de tua mensagem.

Dize-lhe como me achaste,  
Pinta-lhe em pranto meu rosto,  
Narra-lhe como meu peito  
Padece cruel desgosto.

E depois , ó passarinho,  
Entoa os teus ternos cantos,  
Afugenta as suas mágoas,  
Mitiga seus tristes prantos.

**LIRA XXI**

Era alta noite,  
E eu suspirava,  
E amargo pranto  
Dos baços olhos  
Triste soltava.

Ouvia ao longe,  
Zunir o vento,  
Correr a fonte,  
Piar o mocho  
Em seu lamento.

E vela acesa  
Só derramava  
Luz tão mortiça,  
Que a escuridade  
Mais realçava.

Eis que a meu lado  
Sinto um ruído;  
Depressa os olhos  
Volto, e conheço  
Que é o deus Cupido.

Com minhas tranças  
Me enxuga o pranto,  
E que não chore,  
E não suspire  
Pede-me entanto.

“E por que choras,  
Por que suspiras,  
Se aqui te trago  
Novas do amante  
Nas novas liras?”

Porém meu pranto  
Mais aumentou-se,  
Porque ao lê-las  
A dor no peito  
Exacerbou-se.

Amor que ouvia  
O meu lamento,  
Também o pranto  
Soltou, sentido

De meu tormento.

“Não me lembrava  
Que essas notícias,”  
Me disse ele,  
“Te agravariam  
Por não propícias.

Porém não chores,  
Aos deuses corro;  
Para salvá-lo  
Hei-de de todos  
Ter o socorro.

Se me negarem,  
Em céus e terra  
Com minha tropa  
De Cupidinhos  
Lhes farei guerra.”

Disse, e já longe  
Se alevantando  
Nas azas, nas  
Foi pelos ares  
Destro voando.

Ah se te vejo  
Por inocente  
Livre dos ferros,  
E da masmorra,  
Serei contente!

Aqui ditosos  
Nesta floresta  
Celebraremos  
Tal qual não vista  
Tamanha festa.

Que a nossa aldeia  
Por todo o dia  
Andará farta  
De mil prazeres,  
E alegria.

Oh que não seja  
Ele tardonho!

Oh que não fique  
Tanta ventura  
Num mero sonho!

## LIRA XXII\*

Teus pulsos denegridos pelos ferros  
 Não me hão incutir, Dirceu, horrores;  
 Apenas lembrarão o infortúnio  
 Em nossos são amores.

Qual mostra o capitão da nau veleira  
 O escapo resto do traquete roto,  
 Quando lutou com as ondas irritadas,  
 Com o audaz e rijo Noto.

Assim tu mostrarás teus negros ferros;  
 Com o dedo apontarás a vil cadeia,  
 E as paredes escritas de teus versos  
 Com o fumo da candeia.

Aqui renovarás passados dias;  
 Verei de novo no teu rosto o riso;  
 Dirás inda lembrado da masmorra:  
 “Estou num paraíso!”

Aqui conversarás com os teus amigos,  
 As passadas venturas recordando,  
 Novos projetos cheios de esperança,  
 Nos ares figurando.

De novo em torna à rede em que pouzares  
 Assentar-se virão filhos queridos,  
 Para escutar da tua própria boca  
 Os contos divertidos.

E tu lhe contarás algumas vezes,  
 Por que tenho em ti o exemplo claro,  
 Como zomba dos ferros da calúnia  
 Um coração preclaro.

Cheios de pranto, cheios de ansiedade,  
 Ouvirão os tormentos que sofreste;  
 Praguejarão com a mãe a vil calúnia,  
 Que enfim vencer pudeste.

Depois lhes mostrarás os roxos pulsos  
 E os lívidos sinais serão beijados;  
 Sobre eles cairão as quentes gotas  
 Dos olhos orvalhados.

---

\* Parece referir-se à Lira 35, da segunda parte da *Marília de Dirceu*.



Mas tu os abraçando ternamente,  
Os beijarás também banhado em pranto,  
Que um coração tão terno e agradecido  
Ah não resiste a tanto!

## LIRA XXIII

Flores, que ides\*  
 Assim murchando,  
 Reverdecei;  
 Também convosco  
 Me animarei,  
 Que em breve instante  
 O caro amante  
 Receberei.

Volta a seus lares,  
 Volta inocente  
 O bom Dirceu,  
 Que a vil calúnia  
 Não o perdeu;  
 Nova tão grata  
 Ah me relata,  
 Que ele a venceu!

Ó ovelhinhas,  
 Que ides balando  
 Nesse clamor,  
 Tereis de novo  
 Vosso pastor,  
 Sombria selva,  
 Macia relva,  
 Trato de amor.

Ó fontezinhas  
 Limpas e puras,  
 Podeis correr,  
 Aqui de novo  
 Haveis de o ver  
 Ao som das mágoas  
 De vossas águas  
 Adormecer.

Ó passarinhos,  
 De novo vinde,  
 Vinde cantar,  
 Vinde com as vozes  
 Tudo animar,  
 Que há de ele cedo  
 Um canto ledado  
 Vos ensinar.

---

\* No original: *hide*.

Eco, que outrora  
Lhes repetias  
Pronto e veloz,  
A doce, e terna,  
Mímosa voz,  
Não mais condiz-te  
Silêncio triste,  
Que a ausência impôs.

Ó Laura, ó Laura,  
O teu Alceste,  
Também virá,  
Somente Eulina  
Não tomará  
Parte na festa,  
Que o seu Glauceste  
Não tornará.

Ó desta aldeia  
Lindos pastores,  
Eia, exultai!  
Vossas cantigas  
Eia, entoai!  
Para enramá-lo  
De hera, e abraçá-lo  
Vos preparai.

Ele vem cedo  
Em Vila Rica  
Contente entrar,  
A aurora há de  
O anunciar,  
Que alegre e amena  
Virá tal cena  
Abrilhantar.

E eu, que chorosa,  
Triste e aflita  
Vi-o partir,  
Oh como alegre  
Verei-o vir!  
E a esse efeito  
Poderá meu peito  
Mais resistir?

Porém que glória  
Para uma amante

Não deve ser,  
Se pelo amado,  
Tornar a ver,  
Só da alegria  
Que a extasia,  
Chega a morrer.

Torna a teus lares,  
Volta a teus campos,  
Meu bom pastor;  
Contigo acaba  
Da ausência a dor;  
Ah nos teus braços  
Em doces laços  
Respira amor!

## LIRA XXIV\*

Deixemos a triste herdade,  
 Aonde apenas respiro,  
 Aonde chorar mal posso,  
 Aonde sequer suspiro  
 O meu fado, o meu pesar;  
 Longe das vistas serenas  
 Soltarei o amargo pranto,  
 Mitigarei meus pesares,  
 Como a ave com seu canto  
 Alivia o seu penar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

Já não me resta uma Eulina,  
 Com quem dantes conversava;  
 Já não me resta uma Laura,  
 Com que dantes passeava,  
 Sem no futuro cuidar;  
 Vamos, pois, eia, coragem,  
 Coração tão malfadado;  
 Recorda antigas venturas  
 De um amor tão desgraçado,  
 Que bem vale o recordar

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

São estes os belos sítios,  
 Os belos sítios formosos  
 Aonde Dirceu contente  
 Passou seus anos mimosos,  
 Que bem foram de invejar;  
 Ah nestes tão verdes prados  
 Satisfeito ele brincava,  
 Enquanto a macia relva  
 O seu rebanho pastava  
 A mugir e a balar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,

---

\* Esta Lira é uma contínua reprodução dos melhores trechos da Liras, IV, V, XIX, XX, XXIII da primeira parte e XI, XIV e XXIV da segunda parte da *Marília de Dirceu*.

Não mos vás tu divulgar!

Aqui está o penhasco,  
Aonde constante o via,  
E ao sussurro deste Rio  
Por vezes adormecia,  
Para logo despertar;  
E para que o ouvisse  
Suas letras repetia,  
O eco as suas palavras  
Três vezes fiel dizia,  
Para mais o ajudar.

Tais queixumes de saudade

Não venha alguém escutar;  
Ah eco, por piedade,  
Não mos vás tu divulgar!

Aqui está o regato,  
Inda corre tão sereno  
Por estas margens cobertas  
De lindas flores e feno,  
Que o vento está a abanar;  
À minha esquerda eis o bosque,  
O lindo bosque fechado,  
Que intentou em vão mudá-lo  
O duro tempo apressado,  
Pois há de sempre durar.

Tais queixumes de saudade

Não venha alguém escutar;  
Ah eco, por piedade,  
Não mos vás tu divulgar!

Aqui ele confessou-me  
Seus inocentes amores,  
Como Cupido feriu-o  
Com seus duros passadores,  
Para obrigá-lo a me amar;  
“Mal vi, me disse, o teu rosto  
O sangue todo gelou-se,  
Tremi, a língua prendeu-se,  
E a cor das faces mudou-se,  
Estive quase a expirar.”

Tais queixumes de saudade

Não venha alguém escutar;  
Ah eco, por piedade,  
Não mos vás tu divulgar!\*

---

\* A forma verbal do refrão na edição *princeps* está *divagar*..

Aqui meu olhar furtivo,  
 Meu terno riso imperfeito,  
 Traíram-me a casta chama,  
 Que ardia dentro em meu peito,  
 E que eu buscava ocultar;  
 E de amor tão inocente  
 Mútua jura nos prestamos,  
 E ainda a olaia é vaidosa  
 Da jura que aqui gravamos,  
 E que há de eterna durar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

Então, disposto a servir-me,  
 Levava meu nédio gado,  
 A beber em clara fonte,  
 A pastar em brando prado,  
 Para vê-lo prosperar;  
 De volta me dava as aves,  
 Que me trazia dos ninhos  
 Ou de temor ou de fome  
 Abrindo os tenros biquinhos,  
 Para eu as sustentar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

Aqui se ele se alegrava,  
 E eu ternamente me ria  
 Mostrando nas minhas faces  
 A sua própria alegria,  
 Que eu nem sabia prezar;  
 Mas se o contemplava triste  
 Logo o seu pranto limpava,  
 Com meus trançados cabelos  
 Que ele pronto me beijava,  
 Para grato se mostrar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

Nestes sítios , que matizam  
 Murtas viçosas e lírios,

Cantou os nossos amores,  
 Engrandeceu seus delírios  
 Para mais me cativar;  
 Aqui se a lira tomando  
 Alegrementemente cantava,  
 Cantava eu também com ele,  
 E o eco nos imitava,  
 Para mais nos provocar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

À sombra deste alto cedro  
 Meditamos na beleza,  
 Que em tudo quanto respira  
 Apresenta a natureza,  
 Sem o seu fundo esgotar;  
 Nesta frondosa roseira,  
 Ante ele receosa,  
 Sem temer oculta abelha,  
 Colhi um botão de rosa,  
 Que lhe não pude negar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

E muitas e muitas vezes  
 Aqui ele se assentava;  
 Lavrava-me as finas rocas  
 Em que eu fiando andava,  
 Com tenção de lhe ofertar;  
 Narrava-me lindos contos,  
 Dizia-me seus desejos,  
 Dava-me depois nos dedos  
 Doces beijos amorosos,  
 Para me fazer corar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

Ah aqui por estas horas  
 Ver-me logo procurava;  
 Defronte de minha herdade  
 Horas inteiras ficava  
 Tristemente a suspirar;



Eu mal me erguia da cama  
 Que apressado a porta abria,  
 E somente para vê-lo  
 Logo à janela corria  
 Inda os olhos esfregar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

Ele então me comparava  
 À aurora, que destoucada  
 Surge no roxo horizonte,  
 De seus prantos orvalhada  
 Para o dia anunciar;  
 E então seus versos me lia,  
 Depois os versos me dava,  
 E no seio prontamente  
 Prontamente eu os guardava,  
 Para aos outros ajuntar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

Do cerco apenas soltava,  
 Soltava o meu nédio gado,  
 Que me amimava a ovelhinha,  
 Que eu trazia em mais agrado,  
 Também para me agradar;  
 Dava-lhe sempre no prado  
 Da relva tenra e macia,  
 Dava-lhe sempre na fonte  
 D'água que mais pura havia,  
 Com o prazer de a engordar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

Depois no seu colo a pondo  
 Contra o coração unia,  
 E como que me falava  
 Coisas ternas lhe dizia,  
 Para eu as escutar;  
 Eu disso tudo me ria

E disfarçar procurava,  
 E ele de perceber-me  
 Nem sequer o sinal dava,  
 Para não se atraiçoar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

Lá está sua morada,  
 E a janela onde o via;  
 Lá está sua varanda,  
 Aonde se reunia  
 Com os seus a conversar;  
 Ali escutava atento  
 Os versos de seu Alceste,  
 Ali os seus versos lia  
 Ao seu amigo Glauceste,  
 Que os bem sabia prezar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

Ali de ferros cobertos  
 Partiu para longe terra,  
 Aonde horrenda masmorra  
 Estreita e escura o esconde,  
 Sem o que deixe respirar;  
 Dali o triste me envia  
 Os seus suspiros saudosos,  
 Os seus queixumes sentidos,  
 Os seus gemidos chorosos,  
 Que mal me podem chegar.

Tais queixumes de saudade  
 Não venha alguém escutar;  
 Ah eco, por piedade,  
 Não mos vás tu divulgar!

Geme o pai, geme a família,  
 Em pesares mergulhada;  
 Geme toda Vila Rica,  
 Em tristeza sepultada,  
 Por seu injusto penar;  
 E a triste amante chorosa,  
 Nem mesmo pode carpir-se;

Com a dor oculta no peito,  
Vê-se obrigada a sorrir-se,  
Para seu mal disfarçar.

Tais queixumes de saudade  
Não venha alguém escutar;  
Ah eco, por piedade,  
Não mos vás tu divulgar!

Porém a noite já desce;  
Deixemos as cenas tristes,  
Que, ó coração desgraçado,  
A tanto já não resistes,  
Cansado de suspirar;  
Talvez, que amanhã o dia  
Mais favorável me seja,  
Que só de esperanças vive  
Quem neste mundo deseja,  
Que bem há que desejar.

Cesso as queixas de saudade,  
Que me não venham escutar,  
Que o eco, por piedade,  
Não mais há de divulgar.

**LIRA XXV**

Aqui do tronco pendente  
Tristemente hoje te deixa,  
E p'ra sempre te deleixa\*,  
A minha cruenta dor.  
    Não mais ressoes,  
    Lira de amor.

Feliz e ditoso o tempo  
Em que eu aqui te tangia;  
Tinha por mim a alegria,  
Era tudo inspirador.  
    Não mais ressoes,  
    Lira de amor.

Se eu aqui te esquecia,  
Triste, doída e queixosa  
Tu suspiravas saudosa  
Com o vento gemedor.  
    Não mais ressoes,  
    Lira de amor.

Ah para meu triste canto  
Não tenho mais que o lamento,  
Nascido do sofrimento  
Cruento e consumidor!  
    Não mais ressoes,  
    Lira de amor.

---

\* Forma provavelmente reconstruída pelo poeta para garantir a métrica do verso.

**LIRA XXVI**

Como mente e engana o sonho  
Da humana felicidade,  
Mas o sonho da desgraça  
Torna-se sempre verdade.

De ser, Dirceu, tua esposa  
Tenho perdida a esperança;  
Em mares de dor e mágoa  
A sorte cruel me lança.

E o tio me diz agora  
Que ele não quer, nem consente,  
Que eu jamais esposa seja  
De um réu, de um inconfidente.

Em vão eu lhe digo quanto  
Me dizes em teu abono:  
“Não é contra um cetro justo  
A alma digna de um trono.”

Ele me volta que partas,  
Que partas p’ra teu destino,  
Que cumpras tua sentença,  
Segundo o fado ferino.

E o pai e toda a família,  
Oh como triste e sentida  
Não ficarão ao saberem  
Da tua infausta partida!

Desertos duros, cruentos,  
Ah lá te estão esperando,  
Onde viverás somente  
De mágoa e dor pranteando!

Desertos duros, cruentos,  
Que nos seus campos adustos  
Que nos seus vales de areias  
Não brotam ervas e arbustos.

O céu, é um céu de bronze;  
O sol cresta tudo e inflama;  
E a morte nos densos ares  
E negra peste derrama.

Leões, elefantes, tigres,

E serpentes tão-somente  
Respirar e viver podem  
Nesta atmosfera ardente.

Nas caras terras da pátria,  
Por seu próprio e infausto dano,  
Chega, suspira e sofre  
O pobre negro africano.

Infeliz lá, alta noite,  
Sente na tosca choupana,  
Roubarem-lhe os tenros filhos,  
Que o não veda lei humana.

Escravos, de livres que eram  
Nos seus malfadados lares,  
Os leva a avareza humana  
A estranhos longes lugares.

A esses cruéis desertos  
Irás, Dirceu, sem a amante,  
Que em vão jurara em teus braços  
Um amor fino e constante.

Mas no funesto degredo,  
Em tão remotos retiros,  
Ouvirás os meus lamentos,  
Receberás meus suspiros.

Até que um dia cansada  
Da tanta dor e amargura,  
Irei também esconder-me  
No fundo da sepultura.

Então talvez que tu me digas  
“Morreu Marília, essa amante,  
Que foi sempre a Dirceu grato,  
Que lhe foi sempre constante.”

Porém não, não me lamentos,  
Que eu mesmo desejo a morte,  
Que é mais suave sofrê-la,  
Do que sofrer esta sorte.

Assim a rola, que geme,  
A piar na triste selva,

Cai ferida pelo tiro,  
Tinge de seu sangue a relva.

Bate as empenadas asas,  
E os olhinhos revira,  
E, por que nunca mais gema,  
Com a sua dor expira.





# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)